

Artigo

A formação do jornalista: olhar crítico e contemporaneidade

Carlos Costa¹

Resumo

Este ensaio aborda a necessidade de pensar a formação do jornalista profissional como um denso curso superior de reflexão crítica, não como simples adestramento técnico. Pelo papel específico do jornalista na formulação, seleção, estruturação e disponibilização de informações que são usadas pelos indivíduos para se situarem diante da realidade como cidadãos, essa formação exige mais. Para interpretar e ler o mundo, com distanciamento crítico das “fontes” e fatos, o aprendiz de jornalista precisa de sólida formação humanística, para desvendar significados que lhe escapariam caso não tivesse essa bagagem. Não basta ter um smartphone para ser jornalista.

Palavras-chave

Formação do jornalista, Consciência crítica, Jornalismo online, Cursos de jornalismo, Jornalismo e Cidadania.

Abstract

This paper addresses the need to consider the formation of a professional journalist as a dense course of critical reflection, not as a simple technical training. The specific role of the journalist in the design, selection, structuring and providing information that are used by people to be located before the reality as citizens, such training requires more. To interpret and read the world, with critical distance from "sources" and facts, the journalist apprentice needs a solid humanistic formation, to uncover meanings that would escape if he did not has this baggage. It's not enough to have a smartphone to be a journalist.

Keywords

Formation of the journalist, Critical awareness, Online journalism, Journalism courses, Journalism and citizenship.

Resumen

Este artículo aborda la necesidad de considerar la formación de un periodista profesional como objeto de un denso curso superior de reflexión crítica, no como una mera capacitación técnica. La función específica del periodista es la formulación, selección, estructuración y divulgación de información útil para que las personas se encuentren ante la realidad como ciudadanos. Esta formación requiere más. Para interpretar y leer el mundo, con distancia crítica de "fuentes" y de hechos, el aprendiz de periodista necesita sólida formación humanística, para desvelar significados que le escaparían si no tuviera este bagaje. No basta tener un smartphone para ser periodista.

Palabras-clave

Formación del periodista, Conciencia crítica, Periodismo en línea, Cursos de periodismo, El periodismo y la ciudadanía.

¹ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), é diretor da Faculdade Cásper Líbero. Autor do livro *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro* (Alameda, 2012).

A pesquisa

A arte de ler se opõe de muitas maneiras à arte de escrever. Ler é uma habilidade que enriquece o texto concebido pelo autor, aprofundando-o e tornando-o mais complexo, concentrando-o para que reflita a experiência pessoal de quem o lê e expandindo-o para que alcance os mais distantes confins de seu universo e ainda mais além. Escrever, em troca, é a arte da renúncia. O escritor deve aceitar o fato de que o texto final não será mais do que um apagado reflexo da obra concebida em sua mente, menos iluminador, menos sutil, menos comovedor, menos preciso. A imaginação de um escritor é todopoderosa, capaz de sonhar as mais extraordinárias criações em toda a desejada perfeição. Mas logo vem a descida à linguagem, e na passagem do pensamento à sua expressão escrita é muito, muito mesmo, o que se perde. Não há exceções a esta regra. Escrever um livro, ou um artigo, é resignar-se ao fracasso, por muito honrado que esse fracasso possa ser.

Início esse texto com o parágrafo acima (que é o penúltimo) do prefácio escrito por Alberto Manguel para seu livro mais recente: *Uma história natural da curiosidade* (2015). Também eu tenho desenhadas na cabeça e na imaginação belas ideias sobre o que irei escrever, e com elas a certeza de que o resultado final será pouco mais do que uma pálida concretização dessas reflexões de muitos anos sobre esse tema. Neste caso concreto, sobre o ensino, a formação e a prática do jornalismo. Faremos a seguir esse caminho planejado sobre o que é o jornalismo, sobre a necessidade da formação do profissional que exercerá essa função e, finalmente, sobre a prática do jornalismo hoje, sabendo de antemão que a arte de escrever é a arte da renúncia e que escrever um artigo ou um prefácio é resignar-se ao fracasso; enquanto a você, caro leitor, caberá exercitar a melhor parte dessa atividade, que é a de colocar em ação a habilidade de enriquecer o texto concebido por mim, aprofundando-o e tornando-o mais complexo e redondo. Afinal, como deixou registrado Roland Barthes:

No entanto, ler não é um gesto parasita, o complemento reativo de uma escritura que adornamos com todos os prestígios da criação e da anterioridade. É um trabalho (razão pela qual seria melhor falar de um ato lexicológico – lexicográfico até, já que escrevo minha leitura) cujo método é topológico: não me oculto no

texto, simplesmente, nele, não me podem localizar [...] Na verdade, ler é um trabalho de linguagem. Ler é encontrar sentidos, e encontrar sentidos é nomeá-los; mas esses sentidos nomeados são levados em direção a outros nomes; os nomes mutuamente se atraem, unem-se, e seu agrupamento também quer ser nomeado (Barthes, 1992, p. 44-45).

Mas passemos agora à nossa tarefa: discutir o que é o jornalismo, se essa atividade exige um aprendizado e uma metodologia, se qualquer um pode se colocar em ação como jornalista, e que caminhos e crises estamos percorrendo. Vamos a isso.

O que é o jornalismo

Há definições famosas sobre o que é o jornalismo. Uma das mais repetidas dessas definições é a frase erroneamente atribuída ao jornalista e escritor inglês George Orwell (pseudônimo de Erik Arthur Blair, 1903-1950): “Jornalismo é publicar aquilo que alguém não quer que se publique. Todo o resto é publicidade”. Não exatamente com essas, mas com outras palavras, essa sentença foi na verdade cunhada por William Randolph Hearst (1863-1951), o magnata americano da imprensa em quem o cineasta Orson Welles (1915-1985) se inspirou para criar o clássico filme *Cidadão Kane*, de 1941.

Outra frase sempre lembrada é a de Millôr Fernandes (1923-2012): “Imprensa é oposição. O resto é armazém de secos e molhados”. Mas a lista é grande. E poderia incluir a frase do diplomata e político americano Adlai Stevenson II (1900-1965): “Um editor de jornal é alguém que separa o joio do trigo. E publica o joio”. Ou a de Honoré de Balzac (1799-1850): “O jornal é uma lojinha que vende ao público as palavras na cor que se deseja”.

No dicionário do site UOL, jornalismo é classificado como substantivo masculino e definido pela atividade profissional que visa coletar, investigar, analisar e transmitir periodicamente ao grande público, ou a segmentos dele, informações da atualidade, utilizando veículos de comunicação (jornal, revista, rádio, televisão etc.) para difundir-las. Segundo a Wikipédia, “Jornalismo é o processo de comunicação de um assunto por

um meio qualquer, como a televisão, jornais ou rádios [...] A atividade primária do Jornalismo é a observação e descrição de acontecimentos, conhecida como reportagem. Para isso, o jornalista segue um roteiro de perguntas: ‘O quê?’ (o fato ocorrido); ‘Quem?’ (o personagem envolvido); ‘Quando?’ (o momento do fato); ‘Onde?’ (o local do fato); ‘Como?’ (o modo como o fato ocorreu); e ‘Por quê?’ (a causa do ocorrido)”.

No entanto, a essência da atividade jornalística está na seleção e organização da apuração da reportagem (a coleta e a contextualização do acontecimento), para a publicação num determinado meio (impresso, radiofônico, televisivo, online). Esse trabalho ganha o nome de “edição”. Jornalismo é uma atividade informativa, realizada periodicamente e difundida pelos meios de comunicação, num compromisso de natureza social e com finalidade pública.

O jornalismo se consolidou no século XIX, impulsionado pelo aperfeiçoamento da imprensa (com o uso da tecnologia do vapor) e o desenvolvimento dos novos meios de comunicação (telégrafo, telefone, fotografia). A imprensa a vapor foi introduzida em Londres no jornal diário *The Times* em sua edição de 29 de novembro de 1814. A partir daí, sobretudo nos Estados Unidos, o aumento do número de exemplares impressos incrementou a assinatura de jornais.

Há cinquenta anos, os jornais eram a principal fonte de notícias, opinião e entretenimento leve para a maioria dos americanos. Mais importante, eram a instituição preeminente para estabelecer o debate político e social da nação. O único veículo de massa competitivo era o rádio, cuja influência noticiosa era irregular. Muitos lares recebiam um jornal matutino e um vespertino. A penetração de jornais em 1945 era de 135%, o que significa que mais jornais eram vendidos todos os dias do que o número de lares existentes. A circulação continuou aumentando até o início dos anos 60, quando começou a se estabilizar. [...] Em 1970, a circulação de jornais havia caído abaixo do número total de lares. [...] Em 1989, a penetração dos jornais nos lares caíra para 67%, menos da metade do percentual no fim da Segunda Guerra Mundial (Dizard Jr., 2000, p. 228).

Os avanços técnicos das últimas décadas (radiodifusão, televisão, mídia online, portabilidade dos smartphones) exerceram influência decisiva na linguagem jornalística, que soube se adaptar às particularidades específicas de cada novo meio. Esses avanços

impactaram a periodicidade das publicações: os diários oferecem a atualidade imediata das notícias, já superados pela informação online, enquanto os veículos semanais ou mensais se dedicam a análises e contextualizações dos fatos, ou se aprofundam em temas mais específicos (Costa, 2012, p. 90), como saúde, bem-estar, administração de crises e conflitos a longo prazo.

A popularização das novas tecnologias digitais, mas sobretudo a portabilidade dos equipamentos de recepção, modifica exponencialmente os modos de produção jornalística. Nos dias de hoje, os próprios celulares são instrumentos importantíssimos na transmissão de notícias, visto que com eles é possível gravar imagens e sons de forma muito mais fácil, em comparação com 15 ou 20 anos atrás (Significados/Jornalismo, online).

Como escreve Clóvis Rossi, logo no primeiro parágrafo da introdução de *O que é o jornalismo*, seu livrinho da Coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense, independentemente de qualquer definição acadêmica, o jornalismo é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos – leitores, telespectadores ou ouvintes.

Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva – a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens. Mas uma batalha nem por isso menos importante do ponto de vista político e social, o que justifica e explica as imensas verbas canalizadas por governos, partidos, empresários e entidades diversas para o que se convencionou chamar veículos de comunicação de massa (Rossi, 2005, p. 7).

Entrar no universo do jornalismo significa ver essa batalha por dentro, desvendar o mito da objetividade, saber quais são as fontes, discutir a liberdade de imprensa, a formação para o exercício profissional, o papel do repórter e do editor nesses tempos de mídias digitais em que alguns acreditam que qualquer cidadão, de posse de um smartphone, pode se imaginar um jornalista em ação. O que é uma grande trampa ou arapuca, para não dizer trapaça.

O peso da qualidade no processo de formação

“A qualidade da formação do jornalista, tendo como base a graduação em curso de nível superior, tem sido uma das grandes preocupações e aspirações da categoria”, afirmava a jornalista Beth Costa (Elizabeth Vilela Costa), então presidente da Fenaj-Federação Nacional dos Jornalistas, ao encaminhar o documento “Bases de um Programa Nacional de Estímulo à Qualidade da Formação em Jornalismo”, elaborado após o Congresso Nacional Extraordinário dos Jornalistas, reunido em 1997 em Vila Velha (ES), para tratar justamente da qualidade da formação profissional.

O texto encaminhado por Beth Costa foi elaborado com a participação da Associação Brasileira de Escolas de Comunicação (Abecom), da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), da Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação (Enecos), e da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom). Desde abril de 2002, o Fórum Nacional dos Professores de Jornalismo passou a ser signatário deste programa.

A leitura dessa carta de intenções e de sugestões deveria ser obrigatória para quem tem como missão formar profissionais para o exercício do jornalismo. Esse documento é recheado de considerações gerais e pontuais norteadoras da formulação de matrizes curriculares. Há a preocupação com as disciplinas teóricas (cultura e formação humanística) que habilitem o futuro jornalista a aprender a ler e a interpretar o mundo em que atua. São muitas considerações, mas a título de amostra, citamos o item 14 das “premissas para conceber a formação dos jornalistas”:

Diante da constatação da amplitude das decorrências da atuação profissional dos jornalistas e da existência de condicionamentos para o exercício de sua função social, decorre a necessidade de, através da formação destes profissionais, se alcançar compreensão e identificação: a) dos fundamentos éticos prescritos para a conduta dos jornalistas profissionais; b) da atitude de cidadania adequada ao exercício profissional dos jornalistas, a partir do reconhecimento das expectativas e necessidades da sociedade em relação ao seu papel social e ao produto da sua atividade; c) do inter-relacionamento entre as funções profissionais dos jornalistas com as demais funções profissionais ou empresariais existentes na área das comunicações (Fenaj, Programa Nacional de Estímulo à Qualidade da Formação em Jornalismo, online).

Parágrafos antes, o documento já havia pontuado que “Devido à importância específica e relativa do jornalismo”, só a formação através de um curso superior específico especializado pode tornar consistente a abordagem da multiplicidade dos aspectos filosóficos, teóricos, culturais e técnicos envolvidos na formação dos jornalistas, bem como propiciar que, através da reflexão acadêmica e da prática política e técnica, sejam equacionadas as demandas da sociedade em relação à atuação destes profissionais (premissa 8). Afirmava também que a formação dos jornalistas deve ser concebida a partir da percepção de seu papel singular de produtor de conhecimento e de cultura, “por meio de uma atividade profissional especializada na formulação, seleção, estruturação e disponibilização de informações que são usadas pelos indivíduos para perceberem e situarem-se diante da realidade” (premissa 9).

A seriedade da missão do jornalista reside justamente nessa capacidade de “captar” e de traduzir o mundo à sua volta. Impossível não lembrar do poeta americano Ezra Pound (ele disse que “os artistas são as antenas da raça”: parafraseando: os jornalistas são as antenas do cidadão). Para poder interpretar e ler o mundo, com distanciamento crítico das “fontes” e dos fatos, o aprendiz de jornalista precisa amear uma sólida formação humanística, para contar com as chaves para desvendar sentidos e significados que lhe escapariam caso não carregasse essa bagagem. Mas essa preocupação com uma formação rica em teoria (a prática pode ser assimilada rapidamente, e em qualquer atividade, mesmo um experimentado jornalista precisará de um tempo para entender a cultura da empresa, seus valores e rotinas) não nasceu com o Congresso Extraordinário da Fenaj em Vila Velha, em 1997. Vem de muitos anos antes.

Uma prática histórica na busca pela qualidade

O ensino de jornalismo não se confunde com a história do exercício da profissão, escrevi em um artigo sobre “O ensino de jornalismo frente à realidade das novas tecnologias”, publicado em 2009 no livro *Esfera pública, redes e jornalismo*, reunindo textos de professores da Faculdade Cásper Líbero. Creio que, parafraseando o que teria dito Silvio Romero sobre o poema épico *Colombo*, de Manuel José de Araújo Porto-

Alegre, “apenas o revisor e eu” lemos esse trabalho. Talvez por ser o último artigo do livro, nunca o vi mencionado, mesmo em textos específicos sobre a formação do profissional da imprensa. Aproveito esse prefácio para lembrar alguns dados históricos sobre o ensino de jornalismo ali registrados.

Como acontece em quase todas as áreas do conhecimento, primeiro nascem as práticas, depois se consolidam as profissões para, finalmente, se criarem as normas, os procedimentos e os cursos – e a regulamentação das práticas profissionais. Foi assim com o exercício da psicologia, com o da sociologia, com o da ciência política – antes englobadas nos cursos universitários sob a denominação genérica de “humanidades”.

No Brasil, como sabemos, a imprensa surgiu tardiamente, exatamente 215 anos depois de instalada no Peru, primeiro país da América Latina a contar com esse instrumento de difusão de notícias e de conhecimento. Essa demora causava, há duzentos anos, um sentimento de espanto no missionário americano Robert Walsh (Costa, 2012, p. 72). De passagem por nosso país no final dos anos 1820, ele deixou registrada essa percepção:

Naquele primeiro ano também foi introduzida essa poderosa máquina de conhecimento e poder, a impressora. Durante três séculos esse instrumento estivera proibido no Brasil por causa de seus efeitos supostamente perigosos, e só em 1808, segundo fui informado, é que esse grande país teve permissão de imprimir a página de um livro. Talvez nada possa ser mais indicativo do deplorável estado de ignorância em que esse lindo país se encontrava, ou do rápido progresso que o povo fez desde a difusão do conhecimento, do que esse fato (Walsh, 1985, p. 81-82).

Nos primeiros cem anos de sua existência entre nós, a partir da ruptura com a antiga metrópole, o jornalismo foi praticado aqui por alguns poucos autodidatas, quase todos sem formação acadêmica, entre eles grandes nomes de nossa imprensa, como João Soares Lisboa, criador do *Correio do Rio de Janeiro* em 1822,² o livreiro e editor

² Jornal semanal antimonarquista que lhe rendeu um exílio em Buenos Aires, juntamente com Gonçalves Ledo, editor do *Revérbero Constitucional Fluminense*. João Soares Lisboa, português de nascimento e brasileiro por eleição, tinha apenas a formação básica, e nas diatribes com Pedro I, este ressaltava os erros do jornalista do manejo da língua pátria. Sua luta em defesa da causa republicana lhe rendeu a expulsão do Brasil, sendo obrigado pelo imperador a voltar para seu Portugal natal. Numa escala em Recife do

Francisco de Paula Brito ou seu pupilo mais famoso, Machado de Assis. Nenhum desses “jornalistas” tinha educação formal superior. Eram autodidatas. Mas a maioria dos profissionais de imprensa era formada por bacharéis e por religiosos, frades e sacerdotes³. Numa primeira etapa, os bacharéis eram os egressos dos cursos de Direito e de Medicina da Universidade de Coimbra e costumam ser chamados de “geração coimbrã”. No segundo momento, eram os formados pelas faculdades de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, e do Recife. Dessas escolas vieram, além dos gestores, magistrados, políticos e a elite dirigente do país, os grandes jornalistas de nossa imprensa no século XIX.

A discussão sobre a necessidade de formação específica para o exercício do jornalismo aparece apenas no final do século XIX. Num congresso realizado em Lisboa em 1898, o francês Albert Bataille defendia a necessidade da educação profissional e de preparo específico dos jornalistas. O próprio Bataille tentou fundar, naquele mesmo ano, um curso prático que funcionaria nas salas da redação do jornal *Le Figaro*.⁴ Naquele congresso em Lisboa, Bataille teria discursado:

Com o aperfeiçoamento das máquinas de imprimir, com o telégrafo e o telefone, com a transformação do espírito público, cada vez mais ávido de ser informado, uma metamorfose se operou no jornalismo. Com ela, a polêmica foi relegada a segundo plano e a informação passou para o primeiro. Por isso é necessário que a formação geral do jornalista seja completada pela educação profissional (Freire, 1936, online).

navio em que viajava para Lisboa, o jornalista desceu e se juntou com os revolucionários da Confederação do Equador, lutando ao lado de outro jornalista, o Frei Caneca. João Soares Lisboa morreu em luta, vítima de uma emboscada.

³ Vale lembrar o comentário de Isabel Lustosa: “A redação da *Gazeta do Rio de Janeiro* era uma mistura de redação propriamente dita com repartição pública e claustro, não só por conta do grande número de funcionários públicos e padres que nela escreviam, mas também, apesar de se classificar como um empreendimento de particulares, por funcionar numa secretaria de governo” (Lustosa, 2000: 71).

⁴ Albert Bataille (1856-1899) foi um jornalista francês que criou o primeiro projeto de uma escola de jornalismo. Acreditando que os jornalistas, num mundo com telégrafo, imprensa a vapor, telefone, precisavam de uma “bagagem séria de conhecimentos e de sólidas garantias morais”, tentou criar uma escola de jornalismo com o apoio do diretor do diário *Le Figaro*. Mas sua morte, em 1899, fez com que o projeto não prosperasse. Sua ideia foi retomada pela escritora Dick May (pseudônimo de Jeanne Weill, 1859-1925), co-fundadora do Collège Libre des Sciences Sociales, a primeira a oferecer um curso de jornalismo na França, em 1909.

O discurso de Bataille soa muito parecido com o texto elaborado em 2009 pela Comissão de Especialistas constituídas pelo MEC para discutir os pressupostos das novas matrizes curriculares do ensino de jornalismo (que abordaremos adiante). Bataille registrava a percepção de que as transformações nas técnicas afetavam a prática da atividade dos profissionais da imprensa: terminava a fase das discussões e polêmicas políticas, entrava o mundo da informação – fundamental para nortear as decisões do cidadão, como é hoje no tempo de uma sociedade online.

Já entrando no século XX, dois cursos de jornalismo foram criados nos Estados Unidos. Em 1908 a Universidade de Missouri; quatro anos depois o de Colúmbia, em Nova York, ambos ligados a jornalistas e a empresários da mídia que desejavam contribuir para a formação de mão-de-obra capaz de suprir as necessidades da indústria da comunicação. No caso da Universidade de Missouri, o criador do curso (mais tarde reitor da instituição), Walter Williams, era um jornalista de modestos recursos mas de imensa visão. Idealizou um curso voltado para as exigências práticas: criou um jornal, *The Missourian*, ainda existente hoje (acrescido de uma rádio e de uma televisão universitárias), que servia de sala de aula para a aprendizagem de disciplinas ligadas à investigação e à redação dos diferentes gêneros jornalísticos (Baptista, 2009).

Quanto ao curso de Colúmbia, poderia ter sido o pioneiro, pois tinha condições de ser criado a partir da doação de 2 milhões de dólares realizada pelo editor Joseph Pulitzer, em 1903: a verba era destinada à criação de uma escola de jornalismo. Mas as negociações foram demoradas e difíceis, pois os acadêmicos da instituição desconfiavam das intenções do dono do tabloide sensacionalista *New York World*, conhecido pelos frequentes atropelos à ética jornalística (para não usar a palavra baixaria). Ética jornalística, aliás, foi uma das disciplinas do curso oferecido pela Colúmbia, além de história da imprensa, direito e imprensa, além de disciplinas relacionadas com a administração de produtos editoriais (Baptista, 2009). Como bem pontuou Eugênio Bucci:

Que ninguém se iluda: boas faculdades são fundamentais. Elas não são dispensáveis, como alguns ainda tentam fazer crer. A presunção de que o jornalismo é um “ofício que se aprende na prática” é tão ingênua quanto despreparada. Contra isso se levantou, desde o final do século 19, Joseph Pulitzer. De magnata da mídia americana, ele se projetou como o principal inspirador do Curso de Jornalismo da Universidade de Colúmbia, que só começaria a funcionar em 1912, um ano após a sua morte. Contra o comodismo de seus contemporâneos, que viam na criação da escola uma perda de tempo, Pulitzer afirmava que era necessário transformar aquilo que não passava de um ofício numa profissão nobre. E acertou. Seu texto em defesa da escola de Colúmbia, lançado em 1904, resiste como um pequeno clássico (*The School of Journalism*, Seattle: Inkling Books, 2006). Deveria ser lido pelos adeptos da tese de que “jornalismo se aprende na prática” (Bucci, 2008, online).

Foi inspirado no exemplo de Pulitzer que o jornalista e empresário Cásper Líbero deixou instruções precisas para a criação da primeira escola de Jornalismo do Brasil.⁵ Ao morrer, seu testamento destinava sua fortuna para a criação da fundação que administrasse seu patrimônio, mantendo as empresas de comunicação e estabelecendo como objetivo prioritário a criação de uma escola de jornalismo. O curso idealizado por Cásper Líbero somou os parâmetros práticos de seus antecessores americanos com o viés humanístico preconizado por Bataille: aliava o conhecimento acadêmico (ciências humanas e sociais), ministrado por catedráticos de renome no meio universitário, com aulas de professores de reconhecida prática profissional.⁶ Ao longo de sua história, essa foi uma das marcas do curso de Cásper Líbero, que festejará 70 anos em 2017.

⁵ Já em 1908, Gustavo de Lacerda, ao fundar a ABI-Associação Brasileira de Imprensa, reivindicava uma escola de jornalismo para formar repórteres. Em 1935, o educador Anísio Teixeira atendeu a essa demanda, planejando o primeiro curso de jornalismo do país, experiência que se frustrou com o fechamento da Universidade do Distrito Federal pela truculência do Estado Novo. Em consequência, a academia só abriu suas portas aos jornalistas nos anos 40, quando o ensino de jornalismo foi oficializado e as primeiras escolas foram autorizadas a funcionar em São Paulo (1947) e no Rio de Janeiro (1948). Estima-se que atualmente sejam mais de 300 cursos superiores de jornalismo em universidades e outras instituições de ensino superior em todo o país. Essa rede educacional beneficiou-se do acervo pedagógico legado pelos idealizadores do nosso modelo de ensino de jornalismo. Tanto Cásper Líbero, em São Paulo, quanto Danton Jobim, no Rio, pensaram estruturas didáticas sintonizadas com as experiências consolidadas em outras partes do mundo, porém destinadas a formar profissionais para atuar nas empresas jornalísticas do país, o que lhes deu consistência metodológica. Fonte: Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação (Portaria Nº 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009), pág. 8.

⁶ Entre os mestres que deixaram sua marca na Faculdade Cásper Líbero, podem ser lembrados Antonio Augusto Soares Amora, Aziz Nacib Ab’Saber, Péricles Eugênio da Silva Ramos, José Geraldo Vieira, Antonio Rangel Bandeira, Carlos Rizzini, José de Freitas Nobre, Emir Macedo Nogueira, Erasmo de Freitas Nuzzi, Aloysio Biondi, Marcos Faerman, José Marques de Mello, Francisco Gaudêncio Torquato do Rego, entre outros.

As novas matrizes curriculares: um passo atrás?

A portaria Nº 203 de 12 de fevereiro de 2009 do Ministério da Educação criou uma comissão de especialistas com a missão de repensar o ensino de jornalismo no contexto de uma sociedade em processo de transformação.

Apesar de certos atropelos dessa comissão, que ouviu menos e escreveu demais, há em seu trabalho excelentes recomendações. Praticamente todas as sugestões da comissão foram adotadas pelo MEC, com alguns reparos. A leitura do relatório, seguida das sugestões da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação (CES/CNE) revela interessantes visões, sobretudo a correção sobre o estágio obrigatório, sobre os TCCs, entre outros aspectos. Em alguns momentos, a narrativa da Comissão de Especialistas faz eco ao discurso de Albert Bataille no Congresso de Lisboa, de 1898:

Temos, aí, o entendimento do Jornalismo como processo inteiramente controlado pelo jornalista, em torno do qual tudo girava. Trabalhava-se com uma noção passiva de atualidade e uma concepção autorreferida (“as coisas que aconteciam”), sobre as quais o jornalista atuava de forma determinante, com a sua capacidade de “captar e recriar fatos”. Só acontecia o que fosse noticiado pelo jornalista, e sob sua decisão. Logo, não havia notícia fora do Jornalismo e sem a intervenção mediadora do jornalista. Reduzidas ao papel de instâncias sem vida própria, as fontes nem citadas eram. Como se não fizessem parte do todo. O estado de crise resulta da superação de tais conceitos pela realidade nova, moldada no ambiente criado pelas modernas tecnologias de difusão. E a mais importante decorrência da vertiginosa evolução tecnológica é, sem dúvida, a irreversível expansão de práticas e estruturas de democracia participativa, com sujeitos sociais dotados de alta capacidade de intervenção na vida real de nações e de pessoas. Nesse contexto, o todo do processo jornalístico foi profundamente alterado por uma nova relação entre o fato e a notícia. No velho conceito e na velha realidade, havia um intervalo entre “o acontecido” e “o noticiado”. Na ocupação desse intervalo, e no controle que exercia sobre a atualidade, se fundamentava o poder da ação jornalística (MEC, Diretrizes Curriculares de Jornalismo, online).

Não cabe, neste texto, polemizar quanto à implantação do estágio obrigatório ou sobre o TCC ser reduzido a um trabalho solitário numa profissão que é essencialmente conduzida e exercida em equipe. Nisso, o parecer da Comissão de Especialistas se

contradiz, ao apontar como competência “ser capaz de trabalhar em equipes profissionais multifacetadas”, mas determinar que

o trabalho de Conclusão de Curso (TCC) deve ser entendido como um componente curricular obrigatório, a ser desenvolvido individualmente, realizado sob a supervisão docente e avaliado por uma banca examinadora formada por docentes e também por jornalistas profissionais convidados.

Curiosamente, o debate que se criou com relação a esse ponto levou ao reajuste não do caráter “individual” da confecção do TCC, mas da composição de sua banca. A redação final estabelece: “uma banca examinadora formada por docentes, sendo possível também a participação de jornalistas profissionais convidados”. Como se a presença de jornalista profissional não fosse uma contribuição desejável para o jovem formando. E por que a Comissão eliminou a possibilidade de o graduando apresentar uma monografia netamente de corte acadêmico?

Quanto à discussão do estágio obrigatório (algo que, como se disse acima, é um processo a que qualquer profissional passa ao ingressar em um novo posto de trabalho), passo a palavra para a pena ferina do prof. *Ciro Marcondes Filho*:

A bem da verdade, a questão do estágio foi proposta a partir da perspectiva dos grandes centros, onde há fartura de empresas de comunicação. Quem vai sofrer, de fato, são as faculdades do interior e de cidades pequenas, em que os alunos irão se digladiar para mendigar as mínimas vagas de estágios, podendo – inversão de valores – até pagar para obter espaço nas precárias empresas jornalísticas. [...] Em verdade, as novas diretrizes terão influência discreta nas universidades públicas, que têm autonomia para administrar seus programas sem interferência do MEC. Quem, de fato, sofrerá mais prejuízos serão as faculdades particulares, pois dependem da validação de seus cursos pelo MEC. O que vai acontecer é que se irá criar uma rendosa indústria da normatização, espécie de negociata entre poder público e associações, em que “especialistas em novas diretrizes”, validados pelo MEC, visitarão essas faculdades, apontarão as “de ciências adaptativas” e sugerirão consultorias de empresas amigas (suas), que se bem pagas irão pôr essas faculdades nos trilhos. Bom negócio para muita gente esperta (*Marcondes, revista Cult, online*).

Discussões de filigranas à parte, o importante é que houve uma saudável discussão sobre a importância de um ensino sério e de alta qualidade para a formação do

profissional no âmbito do jornalismo. Que venham mais comissões, mais congressos extraordinários de entidades de classe para contribuir com o aprofundamento dessa busca.

Jornalismo nos tempos online

Ao entrevistar o sociólogo francês Dominique Wolton, em julho de 2013, um dos melhores momentos da longa conversa foi quando falamos sobre a formação e a atuação do jornalista nos tempos das mídias sociais. Lembrei-lhe que, sete anos antes, eu havia mediado um debate, na Faculdade Cásper Líbero, com um professor francês, da Universidade de Rennes. O convidado afirmara, em sua intervenção, que “hoje qualquer cidadão com um telefone celular na mão é um jornalista”, pela possibilidade de enviar fotos e textos de um acontecimento no momento em que o presencia. A resposta de Wolton foi enfática: “Isso é terrível! Meu Deus, isso é uma traição dos professores universitários, esse fascínio doente da academia pela tecnologia. E as pessoas são conformistas, aceitam isso”.

Na verdade, continuou Dominique Wolton, deveria ser dito a esses docentes que mais parecem propagandistas trabalhando para o Google ou Facebook, que lhes deveriam pagar para dizer semelhantes besteiras, pois funcionam de fato como representantes de vendas dos fabricantes, mais do que formadores.

Um professor não deveria jamais dizer isso, que isto [*aponta seu celular*] é a revolução! Não é uma revolução, esta é apenas uma ferramenta técnica, a revolução é a forma como iremos usá-la, para que fim determinado, que seleção faremos das informações obtidas com ela etc. Essa fala do professor francês é perigosa para os alunos. Eles passam a vida inteira ali, na frente de computadores, mexendo com celular, por esse motivo, nosso papel como formadores é dizer: “Atenção, há muita coisa além, a vida acontece na rua, na praça”. Não podemos dizer que esta é a grande revolução, isso não é verdade (Costa; Oliveira; Chapel, 2013, p. 20).

Interrogado sobre como considera a formação do jornalista, respondeu comentando ser essa uma pergunta muito ampla. E, numa panorâmica, citou quatro pontos importantes a levar em conta ao pensar na formação desse profissional: 1) grande ênfase em estudos

gerais, história, política, cultura, antropologia, sociologia, teorias da comunicação, disciplinas obrigatórias, muitas, muitas; 2) o pensamento crítico. Crítico, mas radical no sonho e contra o pesadelo das novas tecnologias; 3) pensamento econômico, sobre quais novos modelos de negócio criar para os jornais, o rádio, a televisão e a internet, porque não existe esse modelo econômico no momento atual; e 4) sair, ver o mundo, ou seja, qual é o problema político que se impõe para os meios de comunicação na atualidade?

Nunca houve tantos atalhos, nunca houve tanta técnica como agora, nunca houve tanto volume de informação e o campo da informação vai se abrindo cada vez mais amplamente [*gesto de alargamento com os braços*] e ao mesmo tempo há o movimento contrário [*gesto de contração*]. Quer dizer, todo mundo diz cada vez mais as mesmas coisas. Eu, como tantos outros pesquisadores, imaginava há vinte anos que, quanto mais canais houvesse, mais diversidade teríamos, maior seria o leque de possibilidades. E o que ocorre é justamente o fenômeno contrário. Quanto mais canais novos aparecem, menor é a abrangência, mais restrito o que é noticiado. Há um afunilamento, todos copiam o que o vizinho faz. É sempre mais do mesmo [*gesto de encolhimento*]. Isso é o fracasso. Por isso, é preciso que os jornalistas reajam contra esse estado de coisas. Foi exatamente por isso que reforcei, há pouco, colocando em primeiro lugar uma formação com ampla cultura geral. O jornalista irá precisar muito dela, para criar uma narrativa crítica sobre a realidade (Costa; Oliveira; Chapel, 2013, p. 20).

O pensamento crítico capacita o estudante de jornalismo a ler os grandes temas do mundo em perspectiva. Isso faz lembrar de que, em sala de aula, o saudoso professor Octavio Ianni (com que tive o privilégio de fazer um curso durante o mestrado e tê-lo na banca de qualificação e de defesa da dissertação) costumava utilizar a expressão “taquigrafar a realidade”. Trazê-la para perto e interpretá-la, num olhar em perspectiva ou em paralaxe, para usar a expressão de Slavoj Žižek. Esse é o pulo do gato nesses tempos ociosos de selfies e de autoexposição online.

Em vez de estimular essa busca de um olhar que privilegie a diversidade cultural, buscase a popularização, a simplificação do que é em si complexo, o mínimo divisor comum. Nivelar por baixo é mais importante do que estimular a diversidade e a valorização da diferença cultural. Por isso é indispensável valorizar a atividade do jornalista. Quanto maior o volume de informação disponível, mais necessidade teremos de jornalistas para interpretar e criar essas narrativas que deem conta do que acontece no mundo. Mas o

que o modelo econômico prega hoje é justamente o contrário: que basta dominar algumas técnicas e ferramentas digitais e está tudo feito. Foi por isso que, naquela longínqua tarde de 2007, me irritei com o novidadeiro professor francês que afirmou a besteira sobre o cidadão munido de um smartphone se transformar em um jornalista.

A interatividade do ouvinte de rádio ao informar no whatsapp sobre a lentidão do trânsito numa avenida não configura um trabalho jornalístico. Muitas vezes aconteceu de eu dirigir no trânsito e receber pelo rádio a informação de que a avenida por onde trafegava estava congestionada. Essa informação poderia estar correta 10 minutos antes, não no momento em que eu passava por ali. O internauta, o ouvinte, o telespectador é apenas o transmissor de uma foto, de uma informação (sempre tive resistência a essa expressão, “transmissor”, que lembra o *Aedes aegypti*, o mosquito que transmite a dengue, agora em alta em tempos do zika-vírus). Mas volto a palavra para Dominique Wolton:

Costumo dizer a jornalistas: vocês são indispensáveis na revolução da informação; mais do que nunca vocês são os soldados da democracia. Mas devem se rebelar contra a ideologia da técnica, contra a vulgarização, vocês são o fundamento da democracia, pois se as pessoas nunca perderem a confiança no jornalista, tudo será possível. A missão democrática do jornalista no século 21 é tão importante quanto foi para o século 19, talvez até mais (Costa; Oliveira; Chapel, 2013, p. 21).

Referências

- BARTHES, Roland. *S/Z, uma análise da novela Sarrasine de Honoré de Balzac*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- COSTA, Carlos. “O ensino de jornalismo frente à realidade das novas tecnologias”, in *Esfera pública, redes e jornalismo*. Rio de Janeiro: E-papers, 2009, p. 314-330.
- COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.
- COSTA, Carlos; OLIVEIRA, Geraldo; CHAPEL, François. O jornalismo é o cimento da democracia (entrevista com Dominique Wolton). *Communicare*, v. 13, nº 2, 2013, p. 13-23.
- DIZARD JR., Wilson. *A nova mídia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- LUSTOSA, Isabel. *Insultos impressos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- MANGUEL, Alberto. *Una historia natural de la curiosidad*. Madrid: Alianza Editorial, 2015.
- ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

WALSH, Robert. **Notícias do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

Referências online

MEC: Relatório da Comissão de Especialistas instituída pelo Ministério da Educação (Portaria Nº 203/2009, de 12 de fevereiro de 2009). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14109-pces020-13&Itemid=30192>. Acesso em: 28 dez. 2015.

MEC: diretrizes curriculares jornalismo, parecer homologado. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=14109-pces020-13&Itemid=30192>. Acesso em: 28 dez. 2015.

Fenaj: **Bases de Um Programa Nacional de Estímulo à Qualidade da Formação em Jornalismo**. Disponível em: <www.fenaj.org.br/educacao/programa_qualidade_ensino_2004.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2015.

Significados: “Significado de Jornalismo”. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/jornalismo/>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

BUCCI, Eugênio. “Jornalistas e sua formação”. Observatório da Imprensa. Edição 504, 26 de agosto de 2008. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/jornalistas-e-sua-formacao/&gws_rd=cr&ei=G76CVu2LHYaNwgTz-ZKwCQ>.

FREIRE, João Paulo. **Escolas de Jornalismo. Temas Profissionais**. Porto: Educação Nacional, 1936. Disponível online: <<http://teoriadojornalismo.ufp.edu.pt/inventarios/freire-j-1936>>. Acesso em: 29 dez. 2015.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Um passo atrás na formação do jornalista brasileiro**. Revista Cult, 188, 2014. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2014/05/um-passo-atras-na-formacao-do-jornalista-brasileiro/>>. Acesso em: 29 dez. 2015.